



Etnia na Literatura: Opressão ou Liberdade?¹

Aline Nunes, Jéssica Aparecida Souza Santos, Aurora Cardoso de Quadros

Introdução

Monteiro Lobato, que tanto polemizou com sua crítica de repúdio à arte de Anita Malfatti [1], também criou o pejorativo do Jeca Tatu, metáfora do homem do campo. O caboclo é retratado por Lobato como a causa do atraso brasileiro, identificando nele a preguiça e incompetência, visão mais tarde retratada pelo próprio escritor. Além dessas construções polêmicas, recentemente foram publicadas cartas a alguns destinatários em que de Monteiro Lobato entusiasma-se com a eugenia [4], tendência que foi um dos fatores inerentes ao nazismo que resultaram na chacina durante o governo de Hitler.

Por outro lado, mais tarde, em momentos distintos, Lobato se redime do discurso contra a obra de Malfatti [1] e retrata, numa espécie de *mea culpa*, a referência pejorativa que faz ao Jeca Tatu. Também, aparentemente em oposição ao comportamento severo e discriminatório, escreveu algumas construções cuja linguagem mostra-se contrária ao racismo, como no conto “Negrinha” [3], criança negra, marginalizada em uma família. A linguagem irônica faz uma denúncia implícita à hipocrisia da sociedade burguesa e religiosa. Os acontecimentos do conto, sucedidos a uma criança, comovem e revelam o despropósito da rejeição e da marginalização, muitas vezes mascaradas em caridade católica. A partir das constatações realizadas até o momento, este trabalho tem como **objetivo** relatar os conhecimentos adquiridos na pesquisa de Iniciação Científica sobre o pensamento do escritor Monteiro Lobato e seus possíveis reflexos na sua literatura. Antecipa-se que, do ponto de vista do discurso da eugenia, o pensamento radical e evadido de preconceito choca aqueles admiradores da sua obra. Quanto O efeito estético, ao mesmo tempo em que emociona o leitor, promove a crítica e lembra as maldades que os órfãos de pais e todo indivíduo marginalizado sofre, evocando uma visão libertária de valores humanos e provocando a reflexão a respeito de costumes do Brasil em vários pontos do conto. Ao introjetar o sofrimento do oprimido, estabelece a relação múltipla entre pessoa/personagem, abarcando a dor do oprimido e trazendo à tona as implicações contextuais, em que a causa socialista congrega-se na relação entre ele o leitor e o objeto da leitura, a negrinha, que pode ser espelho de toda pessoa marginal. Misturam-se os sentimentos de perplexidade e emoção. A intenção que se estabelece entre alteridade e identidade movimentam-se no ato de sentir, reinventar e superar. Mediante ao que foi exposto acima, este trabalho tem o intuito de analisar a atitude subjacente aos discursos sobre etnia e cultura de Monteiro Lobato, tomando como pontos de comparação suas produções literárias, cartas escritas a amigos, nas quais foram reacenderam o discurso a respeito da posição preconceituosa de Monteiro Lobato. A análise do pensamento de Lobato, busca refletir sobre as propriedades, distinguindo-as em libertárias ou opressoras do seu discurso.

Material / Método

Por meio da análise, interpretação e pesquisa bibliográfica, traçou-se um percurso analítico, buscando especialistas na obra lobatiana, para compreensão da crítica implícita em algumas obras e cartas, procurando focalizar em críticas, livros e matérias que ajudam a compreender o seu posicionamento diante de temas relacionados à eugenia, podendo assim averiguar seu pensamento e influência na literatura.

Como ponto de partida para a pesquisa, foi lida a reportagem extraída da revista *BRAVO!*[5], que trouxe à tona cartas escritas pelo próprio escritor destinadas a amigos, a Godofredo Rangel, Renato Kehl e ao baiano Arthur Neiva, estes considerados defensores da eugenia no Brasil. Seguindo a linha de estudo, o apoio na observação da crítica de Lobato intitulada “Paranóia ou Mistificação” serviu de parâmetro para entendimento das tendências relacionadas a eugenia, cotejada com os contos Negrinha[3] e Urupês[2], sendo que neste último é apresentado o personagem de Jeca Tatu. As leituras serviram de foco de debates quinzenais e troca de mensagens pelo correio eletrônico, com envio de registros, os quais resultaram em descobertas e reflexões. Nas reuniões periódicas e nas que se seguirão as reflexões são usadas como implemento de um futuro artigo científico.

Resultados

Como resultado parcial do que até então foi pesquisado, criou-se um trajeto comparativo entre o pensamento e a literatura do escritor. Todas as análises feitas a respeito da questão se Lobato é ou não racista, leva a crer que o autor

¹ Apoio financeiro: FAPEMIG
[Digite texto]



escrevia impulsionado por um caráter racista, sendo talvez influenciado ou apenas mascarado pela época e ideais eugenistas de seus amigos. E este, quando percebia que havia cometido algum equívoco em seus ataques, buscava se retratar, amenizando as palavras que alvejavam diferenças relacionadas a cultura, etnia, comportamento, arte ou qualquer grupo ou classe desprivilegiada. Não alcançou-se, ainda, a compreensão da repercussão dessas configurações na literatura do escritor.

Discussão

Sabe-se que a investigação científica é muito importante para a vida acadêmica, sendo assim este projeto propicia a oportunidade de trilhar os caminhos da produção intelectual e literária de Monteiro Lobato, refletindo sobre a relação intelectual x escritor e o seu posicionamento. A reportagem abstraída da revista *BRAVO!*[5], serviu como ponta pé inicial uma vez que através dela começa-se a procurar o teor da posição racista exercida por Lobato, em que relata a releitura de cartas enviadas a alguns destinatários, em que ele elogia a eugenia, esta que consiste em um dos fatores que resultaram no nazismo e na chacina durante o governo de Hitler. Em sua crítica a Anita Malfatti, Monteiro Lobato se mostra e faz referências as obras da pintora de forma vexatória, a crítica, não aceitando seu modo de se expressar na arte, tudo isso é feito no momento em que a pintora mais necessitava de apoio e estímulo, pois iniciava a sua carreira. E na tentativa de não ser tão radical e no que tange a sua escrita, abre-se espaço para o diálogo com o conto *Negrinha*[3], onde Lobato mostra-se flexível ao tratar da figura do negro. Escreve, embora uma leitura mais aprofundada mostra contradições, de forma a comover o leitor, desta forma o conto é buscado neste estudo por ter se revelado como base principal de argumentos que contestam a posição racista do intelectual Monteiro Lobato. Por outro lado, no seu conto *Urupês*[2], em que Lobato retrata a figura do Jeca Tatu atribuindo-lhe tais características: Uma alimária da nação, um parasita, a causa do atraso do país, ser preguiçoso, ser incapaz de evolução e impenetrável ao progresso. Ao criar este personagem, o escritor o faz para criticar o homem do campo, demonstrando assim a sua aversão ao que por alguns escritores era considerado genuinamente brasileiro.

Considerações finais

Embora este estudo não consista exatamente em uma tentativa de adesão a tendências de desqualificar as obras ou desconsiderar a qualidade da produção do escritor Monteiro Lobato, parece haver para as constatações desta pesquisa, vários outros registros, depoimentos e indícios que orientam para que se tenha cautela, quando a referência são as obras do escritor. Sendo assim a proposta é de que se devem desenrolar, buscar e apurar os critérios científicos para se chegar ao entendimento no seu potencial efeito. Aprofundando na compreensão do seu posicionamento, pontos de vista e conceitos, e visando o valor das qualidades e fragilidade nas obras de Monteiro Lobato, pretende-se avançar no campo da literatura. Serão investigadas outras produções, abrindo espaço para novos elementos que reforcem ou amenizem a controvérsia que se levantou a seu respeito.

Referências

- [1] BRITO, Mário da Silva. **História do Modernismo Brasileiro**: Antecedentes da Semana da Arte Moderna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1978.
- [2] LOBATO, Monteiro. **Urupês**. In: *Urupês*. São Paulo: Globo, 2007, p. 166-177.
- [3] _____. **Negrinha**. São Paulo: Brasiliense. 1956.
- [4] MOTA, A. **Quem é bom já nasce feito**: Sanitarismo e eugenia no Brasil. Rio de Janeiro, DP&A, 2003.
- [5] NUGRI, André. **Monteiro Lobato e o racismo**. In: *BRAVO!*, São Paulo, Editora Abril, maio de 2011, nº165, p. 24-33.